O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 33.º — N.º 1853

Sábado, 7 de Outubro de 1944

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

A nobilitante acção de alguns filhos da antiquíssima vila de Eixo

Ao Ex.mo Sr. João António de Carvalho, insigne colonianista e prestantíssimo filho desta vila.

VII

Vimos os têrmos como o venerando sr. Bispo de Aveiro, no seu livro (1) se referiu à povoação de Eixo, facto que demonstra o quanto êle ama a terra em que viveu a sua saüdosa avó.

«A minha avó materna — escreveu o sr. D. João Evangelista de Lima Vidal — vivia em Eixo, na companhia dum filho e da nora.

Eu gostava imenso de ir passar temporadas para a Lavoira, como se chama ao sitio onde minha avó morava; parecia-me delicioso aquêle canto do mundo, e, demais a mais, tinha o instinto e a experiência de que, na ponderosa questão de castigos, a avó... era a avó, e o tio Albano tinha uma barriga tão grande e uma alma tão bonançosa, que todo o garoto devia perceber, imediatamente, que, dali, não poderia vir muito mal às suas... *mãos ou às suas orelhas*.

A' entrada do caminho que vai dar à Lavoira, havia uma botica, muito bem posta, pertencente ao farmacêutico Avelino. Ora, um dia, como eu passasse por essa botica, e a visse deserta, entendi que aquilo era *res nulius*, e entrei à laia de *primi possidentis*.

Desta falsa compreensão do direito, resultou eu voltar para casa com os bolsos da blusa atulhados de caixinhas de diferentes pomadas.

A segurança do costume, e uma certa inconsciência do mal que fizera, deram-me ânimo para alinhar êsses arranjos farmacêuticos diante dos olhos espantados de meu tio.

—Isto parece que é beladona, disse êle.

Não gostei de ver saír meu tio com ares preocupados e carrancudos.

Tive a intuição de que êle ia perguntar, ao dono da botica, se notara qualquer diferença de nível nas gavetas ou nos boiões.

Não tardou muito, que o visse voltar com uns aspectos decididos, que nunca lhe conhecera.

Rapou duma escova de fato, empunhou-a à guisa de palmatória, e, ainda eu não tinha dado bem pela tragédia, já tinha meia dúzia de *bolos* nas palmas das mãos.

Mas o processo não ficou por aqui: fez-se comunicação, para Aveiro, a minha mãe.

Daí a dias, de manhã muito cedo, a minha avó levava-me à diligência do João Libório, e eu partia, cheio de incerteza e de susto, de encontro a uma nova expiação do meu crime.

A sentença foi prestes dada: que me havia de ir confessar, no dia seguinte, ao sr. Prior Ferreira.

Fui, ajoelhei, enchi-me de coragem como quem vai engulir uma purga de óleo de ricino, e soltei dum jacto a confissão terrível: *roubei caixas de unguento ao sr. Avelino de Eixo!*

O sr. Prior Ferreira desatou a rir, e, se não equilibrasse os efeitos desastrosos da gargalhada com os bons conselhos que me deu, arriscava-se a destruir todo o fruto duma lição, que ia tão bem encaminhadinha.

Uma vez, para nunca mais.

A singeleza e a suavidade de franqueza como o sr. D. João Vidal conta êste facto do tempo da sua infância, revela-nos a limpidez da alma de tão venerando príncipe da Igreja.

Do mesmo livro:

«Ai quem me dera a mim, hoje, uma pena graciosa e maneirinha para deixar, aqui, nestas pausas duma vida, as caras e saudosas figuras dêsses dois meus colegas, que morreram em Eixo: o padre João da Senhora da Graça e o padre João de Albuquerque, ou, como lhe chamavam mais vulgarmente, o padre João Carranço!

Quando eu disse a minha primeira missa em Eixo, com que carinho o padre João de Albuquerque me ensinou a dobrar as vestes e a florear o cordão sôbre a banca da sacristia!

—Cá o nosso doutorsinho! — chamava-me êle.

Eu não estava em Eixo, quando morreu o padre João da Senhora da Graça; mas tive a triste consolação de acompanhar ao cemitério o padre João de Albuquerque!

Dum e doutro conservo, cá dentro, a mesma doce recordação, que não morre.

Estas duas figuras, referidas pelo sr. Bispo de Aveiro, ainda hoje, por certo, são recordadas por muitos eixenses, que, reverentes, vão rezar-lhes sôbre as campas em que jazem.

Doutra interessante figura de Eixo rememora o sr. Bispo de Aveiro o velho *João Matuta*, que, ainda pre-

Crónica alfacinha

Outono

Acabou o verão. Já nas praias se não vêem languidamente estendidos corpos gentis de mulheres, dourados sob os raios solares e iodados pelo mar, mal cobertos com *maillots*. Despovoam-se os campos. Em breve reinará nas aldeias visinhas o silêncio e a doce monotonia, que é a sua característica. As andorinhas também nos abandonaram. E' tão agradável vê-las na Primavera, ágeis, incansáveis, trabalhando afanosamente na construção dos ninhos, que não podemos deixar de sentir uma certa saüdade quando elas partem.

Os pássaros já não deliciam o nosso olhar com as suas curvas elegantes ao fim da tarde. O céu, de azul puro e transparente, transformou-se em acinzentado e, por vezes, tolda-se de núvens mais ou menos expessas, embora de desenhos caprichosos. Enfim: estamos no Outono, nêsse Outono tão ambicionado pelos poetas.

Eolo, pesaroso, geme perdido pelos pinheirais. Os rios crescem, aumentam o som da canção constante com que nos embalam, e os loureiros e salgueiros, que se debruçam nas suas margens, vão ficando tristes, prevendo o dia em que essas águas serão o túmulo das suas folhas.

Apolo, cêdo se elevará também para novas paragens, mas não sou eu, pobrezinha de dotes literários, que posso pintar no papel quanto a minha alma sente e ama êsse adeus à tarde, que num beijo longo e morno êle deposita na terra.

Pintor exímio, que faz a mais bela obra, matizando campos, bordando horizontes, tingindo de purpura e ouro os altivos montes e dando côr e brilho novo aos campos.

Nas árvores, ainda há pouco frescas, as folhas, muito em breve, se tornarão sêcas, e por fim completamente mortas cairão e serão arrojadas pelo vento. Tal como as nossas ilusões. Quando as sonhamos são douradas, leves, encantadoras. Depois atingem o apogeu da esperança. E' o verão da nossa vida. Mas em breve veremos a realidade escura, pesada e fria. Então elas murcharão e cêdo cairão por terra. A's vezes, é certo, ficam-nos os frutos, tal como acontece às pobres árvores, mas os nossos são, regra geral, bem amargos...

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Uma exploração

O diário regiônalista *Notícias de Evora*, publicou, com o titulo da epigrafe, esta local:

Na Rua da Madalena, 46-2.º, em Lisboa, existe uma agência, que se intitula *Recorte*, que tem por fim recortar dos jornais as referências a vários acontecimentos e envial-as aos interessados.

Para tal fim, faz assinaturas de vários jornais do país, que depois não liquida, como acontece connosco, pois de 1 de Abril a 31 de Julho recebeu 8 jornais por dia que atingiu a importância de 272$00, recusando-se agora a pagar, a-pesar-de repetidas vezes o recibo ter sido apresentado à cobrança.

Julgarão os dirigentes do *Recorte* que nós usamos o mesmo processo que êles, não pagando a quem nos fornece o papel, tintas e mão de obra?

Aos colegas da imprensa aqui deixamos o aviso, visto que nós vamos tratar, por outras vias, de receber o dinheiro.

Não é só o *Notícias de Evora* que tem razão de queixa. Nós tambem a temos porque ficamos *recortados* em setenta e tal escudos, sem graça nenhuma.

Para ajudar o pai que é velho...

Concêrtos musicais

Terminaram, por êste ano, os do Largo do Rossio.

Oxalá que, de futuro, não esqueça o magnífico corêto existente no Jardim, onde a arte pode realçar melhor nêsse recinto mais adequado ao *rendez-vous* dos aveirenses.

Continua a limpeza

O machado camarário entrou novamente em acção, agora para acabar com o resto do arvoredo que afrontava o quartel de infantaria 10, na Rua Castro Matoso, modificando-lhe o aspecto.

Há muito, tambem, que nós reclamavamos esta medida. Tardou? Mas veio. E nós regosijamo-nos ao louvar o sr. dr. Alvaro Sampaio pelo acerto das suas resoluções.

Muito bem!

O ANO LICEAL

Uma determinação superior fixou o inicio do ano lectivo de 1944-1945 no próximo dia 14.

As escolas primárias, essas, abriram já.

DA PESCA DO BACALHAU

Os primeiros lugres da praça de Aveiro que êste ano entraram a nossa barra foram o *Neptuno*, que traz carregamento completo, e o *Ilhavense*, cuja carga é deficiente devido a um conflito com parte da tripulação.

Alguns dos outros já entraram no Douro para aliviarem.

Incêndio

Às primeiras horas de quarta-feira foram reclamados os socorros dos bombeiros desta cidade para acudirem ao fogo manifestado num palheiro das Ribas, proximidades de Ilhavo. Por acaso estivemos no local, tendo verificado que continua a abusar-se, chamando as nossas corporações para fora das suas áreas, sem necessidade. Aqui lo foi uma coisa insignificante e como tal devia ser tomado. Só os bombeiros de Ilhavo, bastava. Motivo por que se impõe um travão de modo a evitar que tal se repita.

Carta de Lisboa

Assemblêa Nacional

O Conselho do Estado, reunido há pouco sob a presidência do senhor General Carmona, aprovou a proposta do Govêrno para a convocação da Assemblêa Nacional, a-fim de aquela Câmara discutir e aprovar o plano de electrificação geral do país, que já tem o parecer favorável da Câmara Corporativa.

Dêste modo, se vai rematar uma grande e extraordinària obra de fomento, que há-de ficar como um dos marcos miliários do nosso renascimento.

Duas nomeações

Apenas com o espaço de alguns dias, foram nomeados pelo actual Govêrno, respectivamente Comodoro da Esquadra e Provedor da Misericórdia de Lisboa, os srs. comandante Ortins de Bettencourt e dr. Mário Pais de Sousa, ministros da Marinha e do Interior do Govêrno transacto.

E' assim que, no Estado Novo, os homens saem do Govêrno e continuam, no entanto, servindo nos quadros da Revolução.

O sr. comandante Ortins de Bettencourt é um oficial da Armada distinto que, em mais de um serviço tem dado provas da sua competência profissional.

A sua passagem pelo Ministério da Marinha, foi mais uma prova da sua competência, das suas qualidades que certamente no novo cargo se irão afirmar, mais uma vez.

Por seu turno, o sr. dr. Mário Pais de Sousa conhece, da sua demorada passagem pelo Ministério do Interior, como poucos, os problemas da Assistência e vai certamente no novo cargo evidenciar aquelas muitas qualidades que o país tanta vez teve ocasião de apreciar, quando da sua passagem por um dos mais altos postos da governação pública.

CORDEIRO GOMES

Preços à vista

—o—

Pela Intendência Geral dos Abastecimentos foi tornado público o seguinte;

Competindo à I. G. A. manter a disciplina dos preços, determina-se que a partir do dia 15 de outubro próximo, em todos os géneros, produtos, artefactos e outras mercadorias de qualquer natureza, postos à venda, é obrigatória a fixação de etiquetas, letreiros ou tabelas, com indicação dos respectivos preços. Só nos artigos que pela sua natureza, composição, formato ou tamanho ou por outras razões devidamente justificadas perante a Intendência Geral dos Abastecimentos, não possam ser fixadas etiquetas ou letreiros bem visíveis, serão êstes substituídos por tabelas de preços, postas em lugares bem à vista, escritas de maneira a fàcilmente poderem ser lidas pelo público.

O não cumprimento desta determinação é considerado crime de açambarcamento, nos termos do disposto no § único do art.º 1.º do Decr. lei N.º 29 964, de 10 do 10 de 1939 e punido como se estabelece no mesmo decreto-lei.

Apoiado, mil vezes apoiado—apoiadíssimo! Preços fixos e preços à vista é o que deve subsistir em tudo.

Como única maneira de não sermos explorados—de não sermos roubados.

Comissão Reguladora do Comércio de Aveiro

Acaba de ser reconstituida, ficando assim composta: dr. Domingos Vicente Ferreira, pela Câmara Municipal; Armindo Neves Deus, pelo Grémio do Comércio; Alfredo Esteves, pelo Grémio da Lavoura; António Marques de Almeida e Ulisses Pereira, nomeados pelo sr. Governador Civil.

A presidência foi dada ao último que, por êsse facto, deixou a do Grémio do Comércio, confiada agora ao vice-presidente, sr. Armindo Neves Deus.

Pelo Teatro

—o—

Vem aqui dar um espectáculo, terça-feira da próxima semana, a Companhia de Operetas do Teatro Avenida de Lisboa, da qual fazem parte, entre outros elementos, Alfredo Ruas, Laura Alves, Tereza Gomes, Soares Correia, Alvaro de Almeida, etc.

Representará *O Zé do Telhado*, que na capital do norte tem obtido sucesso.

Os bilhetes já se encontram à venda.

Irmãs de Caridade

O serviço de enfermagem no nosso hospital passou a ser executado por algumas senhoras pertencentes a uma congregação religiosa.

A deliberação foi tomada pela comissão administrativa.

Por corrupção

—o—

Noticiou a imprensa diária que, por serem acusados do crime de corrupção, foram presos os agentes fiscais da Junta Nacional do Vinho, Alfredo dos Santos Fidalgo e José Eduardo da Silva Gentilhomem, que estavam em serviço de fiscalização na Intendência Geral dos Abastecimentos.

Foi encontrada uma nota das importâncias recebidas, na qual se mencionam importantes verbas de numerosas firmas comerciais de Lisboa.

Os agentes indicados e os seus corruptores vão ser chamados à responsabilidade dos actos praticados, perante o tribunal.

Cadeia, cadeia com êles!

O ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA

Foi comemorado nesta cidade com repiques do carrilhão municipal durante o dia, iluminando, à noite, alguns edificios públicos, que tiveram hasteada a bandeira nacional.

O TEMPO

Para as bandas do sul choveu esta semana, a ponto da água causar prejuízos de vulto. Na nossa região, porém, a estiagem continua.

Até quando?

Nova firma

Comunicam-nos os srs. António Marques de Almeida, António da Rocha e Américo Tavares dos Santos, que trabalhavam na casa Bruno da Rocha & C.ª, a constituição duma sociedade por cotas a qual adoptou o nome de *Ferragens de Aveiro, L.da* e tem a sua sede na Avenida Dr. Lourenço Peixinho.

Desejamos-lhe as máximas prosperidades.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

A Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, dentro do seu plano de contribuir para que esta benéfica instituição realize duma forma eficaz os seus fins, pretende dar ao Hospital, seu principal objectivo, um desenvolvimento que lhe permita prestar assistência a todos os infelizes que dela necessitem.

Pela exiguidade dos seus rendimentos, tem o Hospital vivido num regime de orçamentos deficitários, incompatível com as necessidades da população, urgindo pôr termo a tal estado, para bom nome da cidade e do concelho e em benefício dos desprotegidos da sorte.

Ao contrário do que vemos suceder nas restantes regiões do país, a população do concelho de Aveiro tem andado alheada e estranha à vida desta instituição, causa principal da sua difícil situação financeira. Interessar todos pela existência da Santa Casa da Misericórdia, é um dos objectivos da Comissão.

Repare-se para o grande número de pessoas que sucumbem por falta de hospitalização. E' indispensavel que a sociedade se compenetre de que tem o dever de prestar o seu concurso para diminuir as agruras dos pobres, que no Hospital vêem o refúgio para a doença e para a miséria. Para o homem, deve constituir um prazer a prática do bem. Que sintam, portanto, êsse prazer todos os aveirenses, contribuindo para a Misericórdia dentro das suas possibilidades.

Quere a Comissão Administrativa promover, à semelhança, do que se faz por êsse país fora, um cortejo de oferendas e, para o seu bom êxito, conta com a boa vontade da população de tôdas as freguesias do concelho.

Para já, porque a necessidade é urgente, iremos bater à porta dos que mais fàcilmente poderão contribuir para esta humanitária instituição.

A Comissão Administrativa

aa) *Fernando Calisto Moreira*
Egas da Silva Salgueiro
Manuel Maria Rodrigues Valente

sentemente, é invocada por aquêles que ultrapassem dez lustros de vida.

Sôbre tão destacada personalidade, transcrevemos os seguintes períodos:

«Quem conheceu o velho João Matuta, sacristão da igreja de Eixo, não pode deixar de recordar-se dêle com verdadeira saüdade.

A terra que cobre os seus restos deve ser leve como uma pena de pomba; juncada de flores, humedecida de lágrimas!

A sua oficina de sapateiro — pois o honrado João Matuta acumulava as funções eclesiásticas com as desta indústria — era o ponto de convergência das pessoas mais ilustres da terra.

Sentaram-se muitas vezes, sôbre montão de calçado pre-histórico, de que já se não poderia reconstituir a lenda, entre outros, o Dr. Reis Lima, nome conhecido do ultramar português e, sobretudo, da província de Moçambique; o coronel Rego, inteligente e gentil criatura, e Angelo Vidal, professor do liceu do Pôrto.

E a quem pertencia a presidência honorífica daquelas conferências e daquelas arcadias, era à figura veneranda, patriarcal, sorridente, dessa espécie de avô comum da paroquia: ao Matuta!

João Matuta era um homem alto; tinha o rosto oval, olhos azuis; o nariz curvo; e, quando tirava o barrete, aparecia uma cabeça de marfim, sôbre a qual se juntavam, e se cruzavam, em tunel, as poucas cans que restavam ao velho.

A alma, essa, descreve-se em menos palavras: lisa e lavada.

Na sua qualidade de sacristão pertencia-lhe ir tocar o sino das almas às nove horas da noite; arriscava a vida, mas ganhava, porisso, meio centavo diário.

João Matuta tinha fama de imprávido; alguém, que se queria certificar desta qualidade varonil do seu ânimo, pôz uma caveira nos degraus da torre, entre duas velas acesas, e deixou-se ficar à espreita, escondido, na caixa que protegia o relógio.

O velho Matuta passou, soltou uma das suas pachorrentas risadas, e disse para o crâneo iluminado: *estás bonito, demongra; deixa-te estar, deixa-te estar*.

Num dia de S. José, foi-se confessar; e, às perguntas do confessor, respondia numa voz tão alta, que a podia ouvir tôda a gente, que estivesse, e não fosse surda como uma porta; mas o confessor. que já conhecia o seu... *fraco*, quando lhe preguntou se tinha bebido, alguma vez, uma *pinguita* a mais, êle, prontamente, no mesmo tom de voz, respondeu: *quem n'a dera, sr. padre João; quem n'a dera.*

* * *

Antes do estabelecimento da linha férrea do Vale do Vouga, as malas do correio eram conduzidas, da estação de Aveiro para Eixo e outras terras. pela servente a quem o povo apelidava pela sr.ª *Ana do Correio*.

Pois bem. Mesmo esta saüdosa funcionária é recordada pelo sr. Bispo de Aveiro, nos seguintes têrmos:

Cabe, aqui, uma saüdade à *Ana do Correio*.

Durante anos e anos foi ela quem trouxe as malas de Eixo, para Eirol, para Alquerubim e para outras mais terras.

Parecia uma girno de canastra à cabeça, por êsses pinhais!

Imagina-se-me que ainda a estou a ouvir:

—Sr. Bernardino: tenha cautela, olhe que êsses barquinhos voltam-se que nem uma pena!

Recomendar cautela ao Bernardino era o mesmo que não tivesse nenhuma: daí a pouco estava o barquinho de fundo para o ar!

Abordou o náufrago, de vida salva; mas a cada passo que dava em terra, golfava uma porção de água dos canos das suas botas.

—Não se entristeça, Ana, por se ver substituida pelo combóio! O mundo é assim; não há progresso que não custe vítimas.

O sr. D. João de Lima Vidal, com uma suavidade enternecida, conta, também, as despedidas das férias que passou em Eixo, em que rememora a tia Clarinha, uma das mais bondosas senhoras desta terra.

Chegado o tempo de voltar para Aveiro, findadas as férias, a minha avó levava-me à despedida de diferentes pessoas de família, que moravam em Eixo.

As estações eram muitas e as mãos generosas acolhiam de tal maneira o *Joãosinho* que, ao cair da noite, trazia colheita fartíssima de bolos, regueifas, saquilhos e frutas verdes e sêcas.

Uma vez a tia Clarinha deu-me um melão com uma casca que parecia de sobreiro velho.

Não se imagina o contentamento com que eu recebi aquêle presente.

Calculava que no dia seguinte, ao chegar a casa, ia receber aclamações dos meus pais e dos meus irmãos por trazer na condeça dos presentes um fruto tão pitoresco.

Deitei-me, adormeci, e quem sabe se não vi, em sonho, o melão!

O meu tio Albano, porém, ao chegar do club, viu a jóia odorante em cima da mesa e resolveu fazer-lhe a operação que se chama: *aproveitar a semente!*

O João Libório abalava muito cedo com a diligência e, já no caminho, perguntei a minha avó se não se teria esquecido de meter o melão dentro da cesta. A minha avô, que era uma santa, respondeu-me que o tio Albano queria fazer umas experiências na horta; que o partira aos gomos; que lhe arrancara as pevides!

Que direito, pensei contristado, tinha o tio Albano de deitar a faca a um melão que era meu, muitíssimo meu, que me dera a tia Clarinha?

Os trechos que exaramos, transcritos do mimoso livro da autoria do sr. Bispo de Aveiro, serão carinhosamente saudados por todos os filhos de Eixo, principalmente por todos aqueles que ainda conheceram o farmacêutico Avelino; o padre João de Albuquerque; o sacristão João Matuta; o João Libório; a Ana do Correio; o padre João Carranço e a bondosa Clarinha, a amiguinha do *Joãozinho da Lavoira*.

Compenetrados de que tôdas estas personagens são dignas de figurar neste trabalho, e, também, pela razão de serem tão suavemente recordadas pelo ilustre chefe da igreja aveirense, fizemos a sua inclusão, visto muitas delas ainda serem conhecidas de algumas famílias de Eixo.

*

Quando o Rev. D. João Evangelista de Lima Vidal foi baptizado, o padre Valente, também conhecido por padre-mestre Passante, disse a Sebastião Carvalho Lima, tio do neófito:

— Quem sabe, meu amigo, se baptizei, agora, um futuro bispo?

Com efeito, e felizmente, realizou-se o pressentimento manifestado pelo padre Passante: D. João de Lima Vidal, pelos seus preclaros dotes de inteligência e excelsas virtudes, já ascendeu, na classe hierárquica, à categoria superior do que a que lhe profetizou o padre Passavante: — foi elevado, pelo Papa Pio XI, à dignidade de Arcebispo.

Tão venerando antistite, que tem a aureolá-lo as mais sublimes virtudes cristãs, teve a honra de ser dignificado, pelo Sumo Pontífice, com o cargo de chefe da diocese de Aveiro.

Esta diocesê, que fôra criada pelo Papa Clemente XIV a instâncias do marquez de Pombal, e aprovada por beneplacito de D. José I, datado de 12 de Abril de 1775, com jurisdição em sete arciprestados e sessenta e três freguesias, teve, enquanto não foi decretada, pelo Govêrno, a sua extinção, os seguintes prelados:

1.º—D. António Freire Carneiro de Sousa;
2.º—D. António José Cordeiro;
3.º—D. Manuel Pacheco Rezende;
4.º—D. António de Santo Ilídio.

*

Em 1941, foi restaurada esta diocese, devido aos esforços e diligências que, para tal fim, fez o Rev. Arcebispo D. João Evangelista de Lima Vidal.

A dignidade episcopal concedida à Veneza Lusitana e, também, a justa nomeação dum dos seus mais ilustres filhos para chefiar a diocese restaurada, constitue, por um lado, uma grande honraria para a cidade de Aveiro e, por outro lado, um eloqüente testemunho de reconhecimento ao virtuosíssimo sacerdote, que, tanto no ultramar, como também na terra que usa a língua em que foi escrito o imortal poema da nossa pátria — *Os Lusíadas*—tanto e tanto tem dignificado a fé cristã: o Rev. Arcebispo-Bispo de Aveiro, D. João Evangelista de Lima Vidal.

JOSÉ DINIZ

(1)—Lições da natureza e dos homens

NECROLOGIA

Graciette Campos

Era uma criança com corpo de mulher e distinguia-se pela vivacidade do seu espírito, pelo seu donaire e ainda por outros atractivos que a tornaram notada no nosso meio, motivo porque o seu desaparecimento impressionou profundamente tôda a cidade.

A inditosa *Ciette*, como a tratavam na intimidade, lindo botão de rosa a desabrochar para a vida, con-

GRACIETTE CARVALHO CAMPOS

tava, apenas, 15 primaveras e era o encanto, a graça e o enlêvo de sua idolatrada família, que a estremecia, a adorava.

Caíra à cama, doente, no dia 7 do mês passado e durante o espaço de tempo decorrido até à morte, na madrugada do último sábado, com ela lutou, mas não venceu.

Logo de manhã, ao ser conhecida a desoladora notícia, muita gente acorreu ao Hospital, para desanojar os desolados pais, os enfermeiros João da Silva Campos e esposa, que nêsse mesmo dia deviam deixar aquêle estabelecimento, onde prestaram serviços largos anos e onde o seu ente querido tinha também nascido.

A' tarde — ao caír da tarde — teve lugar o funeral, que atingiu proporções de grandiosidade — uma verdadeira romagem de sentimento e de amargura, em que se incorporaram centenas de pessoas de todas as categorias sociais, entre as quais muitas crianças, senhoras, grande número de médicos, etc., etc., vendo-se com a chave da urna o sr. dr. Fernando Moreira, provedor da Santa Casa.

Flores, muitas flores, que lhe levaram as suas amigas, completavam o lúgubre quadro, sobressaindo entre elas algumas coroas e *bouquetts* com sentidas legendas, que traduziam a saüdade da estremosa família e das pessoas de maior intimidade.

Avaliando o desgôsto causado pelo triste desenlace, acompanhamos João Campos, sua esposa e tôda a família na dôr, que a todos alanceia.

* * *

Com 75 anos igualmente se finou, terça-feira, Sinfrosa Rosa da Cruz, pertencente a uma considerada família do bairro piscatório.

Era viúva de João da Cruz, tendo-se o seu entêrro realizado, no dia seguinte de tarde, da capela de S. Gonçalinho para o cemitério central, com grande acompanhamento.

A extinta deixou numerosos filhos, entre os quais a sr.ª D. Maria da Cruz Marques, esposa do nosso amigo capitão Casimiro Marques; a sr.ª D. Nazareth da Cruz, professora em Almagreira (Pombal) e os srs. Francisco Passos da Cruz e João da Cruz Júnior e era também sógra dos srs. Amadeu Couceiro, Manuel Rodrigues Casimiro e António da Graça Paula.

A todos as nossas condolências.

* * *

Também acabou os seus dias o sacristão da Sé Catedral, João de Almeida, que foi sepultado no cemitério central.

Era também conhecido pelo *João dos Doces* e contava 65 anos.

* * *

Faleceram mais: em *Esgueira*, Rosa Marques, viuva, de 71 anos; no *Solposto*, Celeste Gonçalves Ferreira, de 20, filha de Manuel Carlos Ferreira, e na *Quinta do Picado*, Manuel Simões Ratola, casado, de 66.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Correspondências

Esgueira, 4

Realizou-se domingo, civilmente, o casamento da menina Alda de Pinho, simpática filha do nosso amigo António Joaquim de Pinho, comerciante local, com o sr. José Vieira Martins, empregado nos escritórios da Fábrica da Vista-Alegre e natural dessa cidade.

Um futuro venturoso lhes desejamos.

—Para o sr. José da Cruz Pinto, industrial de panificação nessa cidade, foi pedida em casamento a tricaninha Maria do Rosário Dias de Oliveira.

A cerimónia deve realizar-se brevemente.

—Retiraram com suas famílias: para Lisboa, o sr. José Tavares da Silva, e para Braga, o sr. dr. Anselmo Taborda, juiz de Direito naquela comarca.

—Também aqui estiveram os srs. Luís H. Pinheiro, professor em Beja, e Emilio Rodrigues da Paula, comerciante em Podentes (Penela).

C.

CINEMA

Com casas cheias tivemos aí a passagem do novo filme português *A menina da Rádio*, que agradou por ser alegre e bastante cómico.

Muito apreciado, também, o documentário sôbre a inauguração do Estádio Nacional. Admirável, sob todos os pontos de vista, essa obra grandiosa do Govêrno, que fica a assinalar uma época de progresso digna de aplauso.

Câmara Municipal de Aveiro

Arrematação

No dia 23 do corrente mês de Outubro, pelas 14 1/2 horas, na Sala das Sessões da Câmara Municipal de Aveiro, se procederá à arrematação e venda, em hasta pública, do lote de terreno n.º 66, na Avenida Doutor Lourenço Peixinho, com a base de licitação de 125$00 por metro quadrado.

As condições desta arrematação encontram-se patentes na Secretaria da mesma Câmara, onde podem ser consultadas, em todos os dias úteis, das 11 ás 17 horas.

Aveiro e Paços do Concelho, 2 de Outubro de 1944.

O Presidente da Câmara

Alvaro Sampaio

Grémio da Lavoura

AVISO

Avisam-se os lavradores da área dêste Grémio de que até 31 do corrente mês são obrigados a declarar quais os terrenos de arroz que deixam de cultivar em 1945.

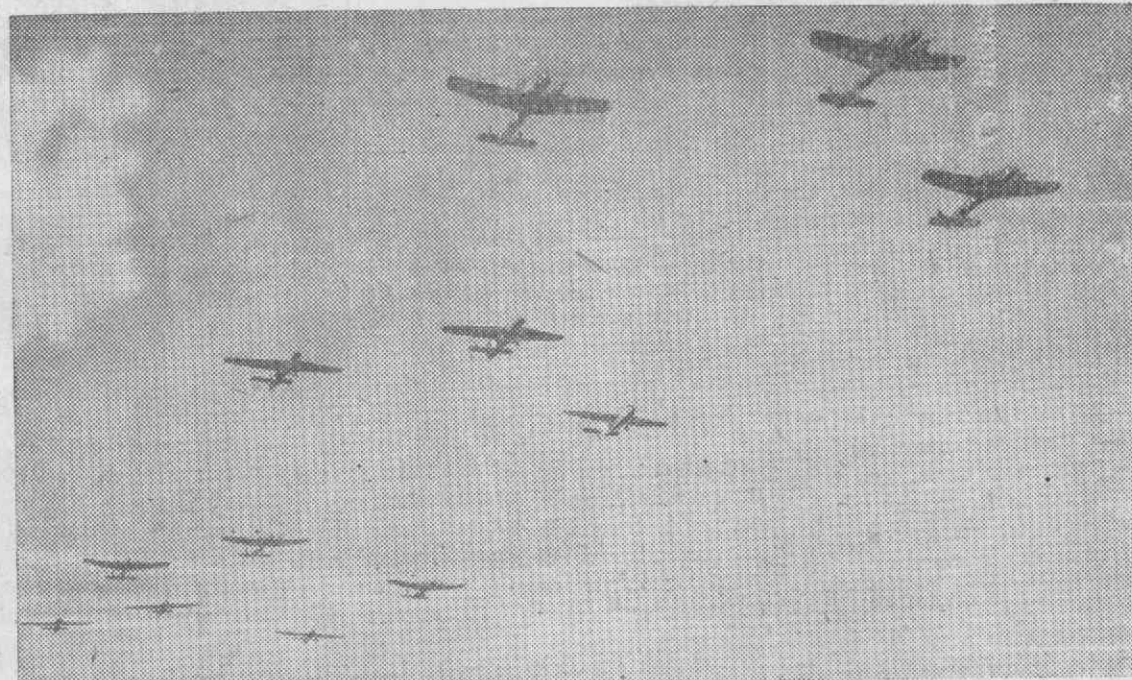
Comunica-se também que as licenças para cultivar arroz, requeridas em 1941 e concedidas a titulo precário por três anos, foram prorrogadas para um ano.

Aveiro, 3 de Outubro de 1944

Pelo Presidente

Casimiro Marques

Atenção para a 4.ª página

A'MARGEM DA GUERRA

FORMAÇÃO DE PLANADORES BRITANICOS

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram anos, no dia 1, a menina Arminda Ferreira Martins, interessante filha do sr. José Martins, mestre de talha da Escola Fernando Caldeira; e em 3, a sr.ª D. Estela Fernandes Vieira, empregada nos correios e esposa do sr. Manuel Pimenta Vieira; hoje fazem os nossos amigos dr. Abílio Justiça, distinto oftalmista, e António Augusto Martins, empregado na filial da Vacuum Oil Company de Coimbra; àmanhã, as sr.as D. Silvina Rosa da Silva Pádua, D. Amélia Bandeira Rangel de Quadros, gentil professora na Costa do Valado, e D. Maria da Conceição Faria da Cruz, ausente em Lourenço Marques (Africa Oriental); a galante Maria Armanda Saraiva, o inocente José Carlos Rodrigues e o estudante António de Barros Santos, filhos, respectivamente, dos srs. tenentes José Salvato Bizarro Saraiva, José A. Rodrigues de Almeida e Luís Paula dos Santos, de Infantaria 10; no dia 9, a sr.ª D. Lídia de Carvalho Vilaça, o sr. Fernando Cunha Ritto e a gentil Maria Margarida da Costa Leitão, filhos, respectivamente, dos srs. Domingos Vilaça, Tavares Ritto, e Alberto Leitão, residente em Lisboa; em 10, os srs. Júlio Ferreira Dias, funcionário dos C. T. T. em Beja e António Alves de Almeida, de Coimbra; em 11, o sr. Luís da Silva Perpectua e a sr.ª D. Rosa Rodrigues de Pinho, esposa do nosso velho amigo João Simões de Pinho, de Cacia; em 12, o sr. padre António A. de Oliveira; a menina Alvarina Areal de Sousa, filha do sr. Narsélio F. de Sousa, comerciante em S. Gregório (Melgaço) e a sr.ª D. Maria Manuela Faria de Almeida, filha do sr. Manuel Faria de Almeida, empregado superior da filial do Banco N. Ultramarino de Porto Amélia (Africa Oriental) e em 13, a sr.ª D. Clara Santos Vieira, esposa do sr. José Vieira e filha do sr. Henrique Rato.

Praias e termas

Regressaram com as famílias: da Costa Nova, as sr.as D. Maria Trancoso Magalhães, D. Maria Melo e Costa e D. Norbinda de Melo Picado e os srs. dr. Assis Maia, capitão Casimiro Marques, tenente Jaime Sabino, Henrique Rato, António Guimarães, José Vieira, António dos Santos Victor, Costa Guimarães, Arnaldo Vasconcelos, António Marques Ribeiro, professor Manuel Estudante e José Rodrigues Madail; da Barra os srs. dr. Vitorino Cardoso, dr. Francisco Lourenço da Costa, tenente Natividade e Silva e José Pedro Soares de Melo Júnior.

—Também retiraram: de Espinho para Santarém, o sr. dr. José Elias Gonçalves, secretário do govêrno civil daquele distrito, e do Furadouro para Loureiro (O. de Azemeis) o professor sr. José Lopes Godinho.

Partidas e Chegadas

Partiram: para Lisboa, a sr.ª D. Felicidade H. de Oliveira e Silva e o sr. Luís Manuel Rodrigues e para Caminha, o sr. dr. Carlos Vilas Boas do Vale, juiz de Direito naquela comarca.

—Da Bairrada chegaram os srs. Severiano F. Neves, professor oficial em Esgueira, e Manuel Seabra de Azevedo, activo comerciante na Africa Ocidental e famílias.

—Estiveram nesta cidade os srs. dr. António Vicente, médico em Bustos e esposa; capitão Lourenço Duarte, residente em Lagos; Joaquim da Paula Graça, empregado no Banco Pinto & Sotto Mayor do Porto; Jaime Martins Lima, funcionário de Finanças em S. Pedro do Sul; Alexandre Gigante, de Viana do Castelo, e Arménio Martins dos Santos Melo, residente em S. Lourenço (Mourão).

—De Cascais seguiu para Vila Nova (Bragança) onde gosará a sua licença, o sr. José João Branco Gonçalves, funcionário da Câmara daquele concelho.

Doentes

Tendo melhorado sensivelmente em Macieira de Cambra regressou a Aveiro sr. dr. António Cristo, advogado na comarca.

Secção feminina

DIRIGIDA POR **MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE**

A MULHER ENFERMEIRA NO LAR

Tôda a mulher que se prese dêsse nome, deve saber ser, no seu lar, uma enfermeira dedicada. Ninguem melhor do que ela, sente as dores dos filhos ou do marido, e ninguem melhor do que ela tambem, deve gostar de tratar os seus entes queridos. Para isso necessita, muitas vezes, de preparar-se, pois a sensibilidade doentia de umas, ou a falta de acção de outras leva-as a cometerem as mais desastrosas faltas.

A mulher que quere ser enfermeira do seu lar, antes de estudar umas lições rudimentares de enfermagem, tem de ser: *corajosa, desembaraçada, caridosa e paciente.*

A coragem—Obtem-se, fazendo um pequeno esforço sobre nós proprios. Basta pensar que a falta de coragem é cobardia e êste defeito é um dos maiores da humanidade e a ruína total do indivíduo que o possui. Há pessoas que quando vêem sangue, desmaiam. Mas porquê? O sangue é um líquido que nos corre nos vasos sanguineos. Acontece, ás vezes, romper-se um dêstes vasos, ou por pancada, corte ou qualquer motivo interno. Perder-se a calma, fugir, desatar a chorar ou coisas semelhantes, sem pensar acudir à vitima, é disparate e até estupidez. Devemos habituar-nos, pouco a pouco, a ter coragem.

O desembaraço—E' uma qualidade indispensável a tôda a mulher. Quantas fatalidades se não dão devido à falta dela?

Para conseguirmos ser desembaraçadas podemos fazer alguns exercícios, tais como: correr, arrumarmos rápidamente um quarto ou uma mala, tratar de duas coisas ao mesmo tempo, etc. Coitado do doente que tem à cabeceira uma dessas lesmas que para despejarem um remédio num copo levam 15 minutos!

A caridade—E' o respeito pelas dores alheias, uma vontade firme de as minorar. Para isso devemos pôr ao nosso alcance tudo—coragem, desembaraço, conhecimentos cientificos e técnicos, etc. A *pessoa* caridosa sacrifica-se desinteressadamente, consola o doente, encobre-lhe até certo ponto o seu estado para o não assustar, faz-lhe antever uma rápida cura, porque a sugestão é um poderoso medicamento e não o abandona sem um carinho.

A paciência—E' uma virtude superior. A enfermeira tem obrigação de suportar, sem um queixume, as maçadas dos doentes.

A doença torna-nos irritados, ingratos e até malcreados. Pois é preciso ter paciência; esquecer o que se ouve, impor a nossa vontade cuidadosamente, sem pressas, e perdoar. Toda a mulher deve ser paciente, sem que essa paciência vá ao ponto de a escravisar.

Eis as condições principais para a preparação duma boa enfermeira. Há outras secundárias que se devem aliar a estas, tais como: pontualidade, método, aceio, escrupulo, prespicácia, etc.

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Domingo, 8 de Outubro de 1944 (ás 15,30 e 21,30 h.)
Victória pela fôrça Aérea

Terça-feira, 10 (ás 21,30 h.)
O Zé do Telhado
Pela Companhia de Operetas do Teatro Avenida de Lisboa

Quinta-feira, 12 (ás 21,30 h.)
A graciosa comédia músical
Sorrisos e canções

Brevemente:
Agarra-me êsse fantasma

Comarca de Aveiro

Éditos de 20 dias

1.ª publicação

Por êste Juizo, primeira secção Cristo, correm editos de 20 dias, contados da segunda e última publicação dêste anuncio, citando os credores desconhecidos para no praso de 10 dias, decorrido o praso dos editos virem deduzir os seus direitos na acção sumaríssima em execução de sentença, que o Banco Nacional Ultramarino move contra os executados Cesar Souto Rodrigues e Guilherme Marques da Silva, êste falecido e representado pelos seus filhos, de Salreu.

Aveiro, 2 de Outubro de 1944

Verifiquei:
O Juiz de Direito
António Gurgo
O Chefe da 1.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo

Da minha agenda

Pelo DR. EDUARDO P. CORTESÃO

Livros

Tenho um agrado estupendo com o recebimento de livros quer oferecidos pelos seus autores ou pelos editores. Desta vez o correio trouxe-me o livro *Nôtre Terre*, obra magnífica e profusamente ilustrada, cuja publicação foi feita sob o patrocínio de Max Bonnafous, ministro da Agricultura na França, cujo retrato se encontra nas primeiras páginas do livro, e está assinado pelo seu punho. O autógrafo diz: «Estou convencido de que a vida agrária é para o nosso povo uma fonte de rejuvenescimento».

O livro é mais uma prova evidente de que a França começa a recordar-se do seu valor agrário. O facto das notas de cem francos ostentarem o retrato de Sullz, ministro das Finanças de Henrique IV, com a máxima: *Labourage et Paturage sont les deux mamelles de la France*, é bem significativo. Se a França realmente seguir tais princípios, pode-se, sem dúvida, falar duma regeneração francesa.

Tanto o texto como as ilustrações são uma obra prima de esplêndida propaganda em favor da classe camponesa e da vida agrária. Logo nas primeiras páginas salta-nos aos olhos o retrato dum casal de camponeses rodeado dos seus 11 filhos! Os 2 rapazes mais velhos encontram-se ao lado do pai, em cima do carro de bois carregado de trigo. O resto da família agrupa-se em volta da mãe que se encontra em pé diante dos bois. Por baixo lê-se: «Uma numerosa família do campo». Apenas quero lembrar aqui a literatura propagandista de há poucos anos, que precoizava o sistema de só 2 filhos.

Três grandes proclamações se encontram reproduzidas no livro: a mensagem do Marechal Pétain de 20 de Abril de 1941, dirigida aos camponeses franceses; a declaração do Chefe do Govêrno, Laval, acêrca dos deveres dos agricultores e o discurso do ministro Bonnafous proferido na Assembleia Geral dos chefes distritais da *Corporation Paysanue*. Dessa corporação fazem parte todos os agricultores da França: é uma organização que se assemelha muito, nas suas linhas gerais, à Liga dos camponeses alemães. O Marechal Pétain pede aos lavradores franceses que se dediquem de corpo e alma à agricultura, prometendo-lhes, ao mesmo tempo, todo o seu apoio. Laval lembra aos camponeses os seus deveres sagrados em face da Nação, pedindo-lhes que não desperdicem o trigo, dando-o ao gado ou levando-o para o mercado negro.

Conhecendo bem a mentalidade do camponês francês, estou certo de que êle se encontra a caminho da salvação. O ministro da Agricultura, no seu famoso discurso dirigido ao Marechal Pétain e aos chefes dos diferentes distritos provinciais, apresenta um relatório completo da vida agrária na França.

Tornar-se-ia fastidioso mencionar aqui todas as medidas já adoptadas para o fomento da produção agrícola na França, tal como a instituição de crédito, o emprêgo de máquinas agrícolas etc. Alguns dados fornecidos no capítulo *A luta pelo pão quotidiano* são cheios de interesse. Assim, por exemplo, diz-se que a colheita de trigo durante os últimos 5 anos ascendera a 78 milhões de quintais. E' preciso não esquecer que o trigo constitue o elemento quási exclusivo no fabrico do pão. Em conseqüência da falta de adubos, de máquinas agrícolas, combustíveis e da mão-de-obra, a colheita de 1941 diminuiu para 61 e a de 1942 para 54 milhões de quintais. Pretendeu-se compensar a carência de trigo por um sistema de moagem mais aperfeiçoado. Antes da guerra, 100 kgs. de trigo davam um pouco menos de 100 kgs. de pão; actualmente, com a mesma porção, graças a um melhor aproveitamento do cereal, consegue-se obter 131 kgs.

Quais serão os resultados da próxima campanha de trigo? Com tal pregunta termina êste capítulo da obra *Nôtre Terre*.

Os outros capítulos tratam da produção de vinho, das frutas, das plantas oleaginosas, dos serviços florestais, etc.

O livro está escrito com seriedade e elegância.

Stamitz

Para se apreciar uma obra, não basta o facto de ela ter criado uma obra imortal. Uma obra é avaliada segundo os frutos que ela produziu. Eis a diferença entre o valor histórico e absoluto. Na música podem considerar-se valores absolutos aquelas obras, que ultrapassam os limites da sua época; as de valor histórico são as que contribuiram para a criação de outras ainda maiores. Não devemos esquecer aquêles que trabalharam em silêncio sem se evidenciarem. Devido a êstes, puderam os grandes génios criar as suas maravilhosas obras de arte. Bach é, sem dúvida, uma figura de valor absoluto, enquanto que Johan Stamitz possue um valor puramente histórico, pois foi êle quem criou os fundamentos da música dos últimos dois séculos. O espírito de Bach fala-nos através daquêle estilo que caracteriza o espírito das suas obras. Para apreciar Stamitz não devemos limitar-nos à sua obra. Stamitz criou novos meios que os grandes mestres depois souberam aproveitar. Uma sua sinfonia parecer-nos-á monótona apesar das suas melodias harmoniosas. Falta-lhe, sem dúvida, a fôrça expressiva, o elan do génio. Stamitz introduziu os «crescendi», o aumento progressivo do som. Só Beethoven soube colher os efeitos dessa inovação. A grande época do classicismo de Viena pode ser concebida sem êle. Stamitz apareceu no momento histórico de transição da época de barroca de Bach e Handel para o classicismo Vienense de Mozart e Beethoven. Bach e Stamitz são extremos. A par do valor histórico e absoluto, existe uma terceira forma. Um exemplo é Claudio Monteverdi, muito festejado êste ano na Alemanha, pelo 3.º centenário da sua morte.

Foi o autor duma inovação na técnica da ópera.

«O Democrata»
ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.